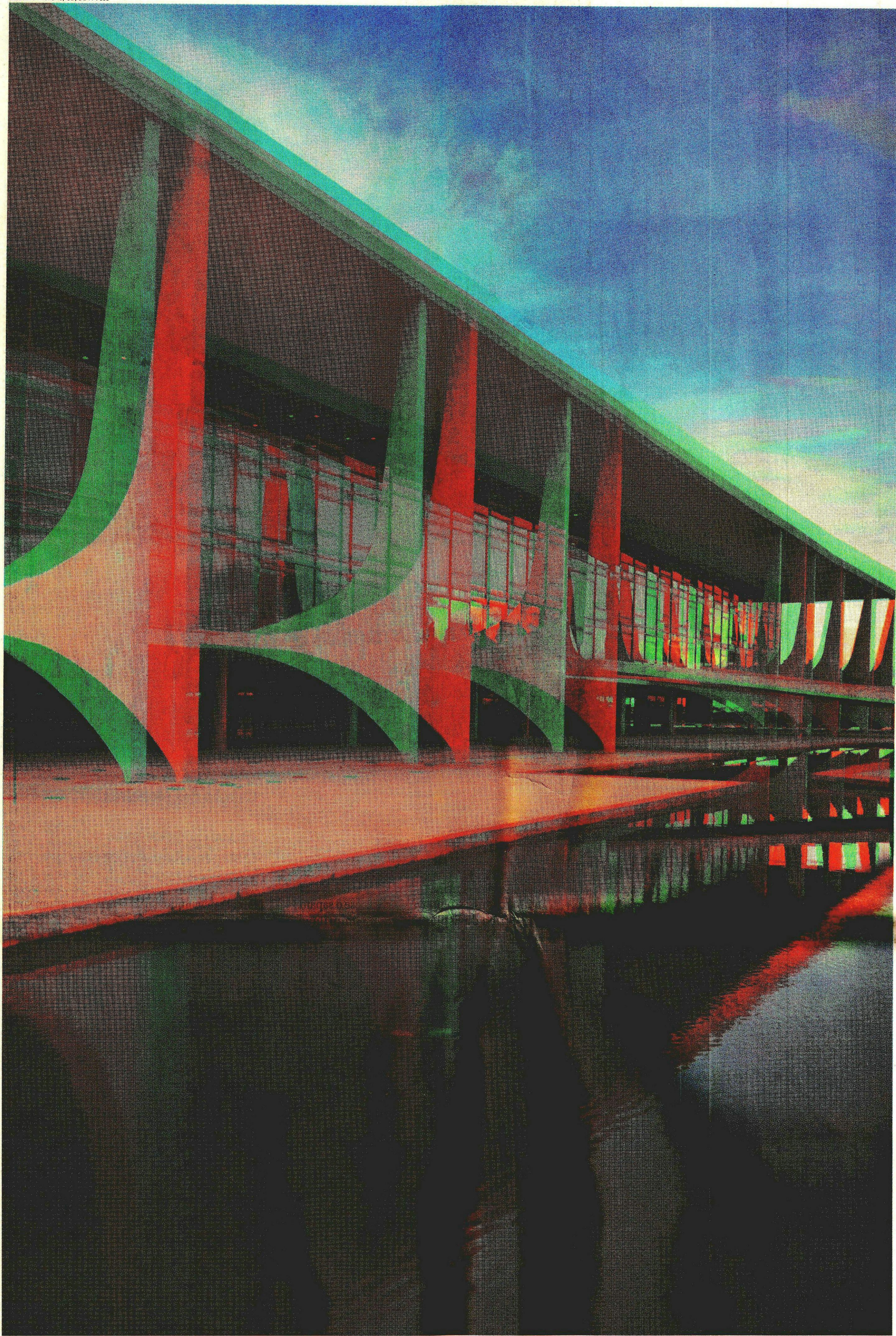




“Primeiro, separei as colunas do edifício e imaginei-me a caminhar entre elas. E senti que as devia fazer diferente, criando novos pontos de vista. As regras limitadoras de pureza estrutural não me preocupavam. A liberdade plástica me possuía e as fiz com as pontas finas e os palácios como penas tocando o chão”

Oscar Niemeyer

Os palácios (I) (Dos Despachos)

O Palácio ampara-se em circunspectas colunas: montanhas complexas de cifras e sustos trancafia o corpo. (O Palácio domestica os corcéis da eloquência.)

O peso e o protesto das engrenagens, das represas quotidianas, e os dentes das intempéries deságuam nas salas. Os gabinetes flutuam tribunas e tímpanos e doloridas retinas.

As vidraças espiam as trajetórias dos ventos, a impaciência das nuvens. Os campos em pânico ruminando esperas comunicam noites, roteiros sentenças.

As colunas amparam-se de voo de pássaros e cultivam a insônia. Os arquivos e pastas entre dedos sussurram e executam o silêncio.

Joanyr de Oliveira,
poeta mineiro, na antologia
Poemas para Brasília.

Os números por trás dos traços

» ATAÍDE DE ALMEIDA JR.

Nos 36 mil m² de área do Palácio do Planalto, sobram histórias passadas ao longo de 51 anos de existência. E dados curiosos também. Eles começam pelo lado de fora do ponto turístico: na rampa. Para a física, quando uma pessoa percorre uma rampa de 40,5m de comprimento — como é o caso da do Palácio — com uma velocidade média de 4km/h, desprezando-se toda e qualquer influência de clima, atrito ou outro fator externo, o indivíduo deve chegar ao topo em até 37 segundos. No entanto, quando se é eleito presidente da República, a situação é diferente, e a emoção (ou a pressa) pode tornar a subida um desafio. Dos pés da rampa do Palácio do Planalto até o topo, Dilma Rousseff gastou 40 segundos e deu 65 passos. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu 53 passos em menos de 35 segundos até chegar à parte superior para começar o segundo mandato.

Por essa mesma rampa de 4,2m de altura e 7,6m de largura já subiram e desceram: cinco generais (João Figueiredo se recusou a descer e saiu

pelos fundos do Palácio, pois havia brigado com José Sarney); oito presidentes civis; um vice-presidente que virou presidente (Itamar Franco); seleções campeãs da copa do mundo de futebol (o jogador Vampeta foi o único a dar cambalhotas ali); artistas de novelas mexicanas; a Turma da Mônica, de Maurício de Sousa; e o povo. Mas nunca ninguém subiu e desceu tanto quanto a Guarda Presidencial, composta por seis soldados que se revezam em duplas com turnos de duas horas cada.

O Planalto tem um espelho d'água de 1.635m² e profundidade de 1,1m, onde cabem 1,9 mil m³ de água, e o que motivou a criação foi um acidente. O motorista de ônibus João Antônio Gomes invadiu o local em 1989, arrancou o balcão de mármore e danificou o teto em um extensão de 20m. “Aproveitando-se de uma distração do motorista da Viação Planeta, que tomava um cafezinho (na rodoviária) antes de recolher o ônibus à garagem, João, já embriagado, disse que ia roubar o ônibus e ‘emburacar’ no Palácio do Planalto”, relatava a reportagem do *Correio* à época.

Como o governo Sarney não andava muito bem das pernas, o comentário dos funcionários

CAMINHADA

65

passos foram dados pela presidente Dilma até chegar à parte superior da rampa do Planalto

do local no dia seguinte era de que o Palácio, des-governado, chocou-se contra um ônibus. Dois anos depois, o espelho d'água foi construído. A principal disputa naquele período era se plantas ou carpas habitariam o laguinho. As carpas de origem japonesa ganharam.

Por dentro

São quatro andares. No primeiro, estão os serviços de recepção e imprensa; no segundo, os três salões — Leste, Nobre, Oeste —; no terceiro,

o gabinete da presidente; no quarto, a Casa Civil, a Secretaria de Relações Institucionais e a Secretaria-Geral. Há ainda quatro anexos. No total, quase 1,8 mil funcionários trabalham no palácio.

Destacam-se no ambiente a decoração e as obras de arte. São cerca de 55 quadros e pelo menos um vaso de porcelana branca do Japão. Há ainda objetos da Companhia das Índias e prataria portuguesa do século 18. A biblioteca do Planalto conta com 33 mil volumes, entre livros, jornais e revistas.

Durante a única reforma do Palácio, que custou R\$ 100 milhões, várias obras que enfeitavam o local foram encontradas escondidas em salas e garagens. Os móveis também estavam em péssimas condições de uso e foram restaurados. As mesas de jacarandá do artista Jorge Zalszupin agora são usadas para o despacho com ministros e os móveis do Palácio do Catete ainda persistem no gabinete da presidente. O quadro do pintor Firmino Saldanha que “enfeitava” a garagem do Palácio do Jaburu voltou às paredes do Planalto. A promessa da atual presidente é colocar obras de Di Cavallanti e Portinari em exposição no local.